

A Religiosidade afro-baiana em Jorge Amado na Tenda dos Milagres

*Jaime Sodré**

Resumo

O presente texto aborda o universo religioso de matriz africana, o Candomblé, na obra de Jorge Amado, Tenda dos Milagres, como também as discussões realizadas pelos seus personagens a respeito das questões raciais da época, ressaltadas a defesa da mestiçagem e as perseguições à cultura popular de base africana, em especial, o Candomblé.

Palavras-chave: Afoxé. Candomblé. Raça. Sensualidade. Mestiçagem

A nossa proximidade ao escritor Jorge Amado, na condição de personalidade, é fruto da sua com o meu tio Aurélio Sodré, para mim, e isto me parecia uma realidade, seu fiel escudeiro na condição de seu motorista particular. Era uma relação generosa, testemunhada pela senhora Rosane Rubim, competente e atual diretora da Biblioteca Monteiro Lobato, que no ensejo das comemorações do centenário de nascimento de Jorge, incumbiu-me deste modesto texto.

Meu pai, “José Professor”, irmão de Aurélio, também admirava e conhecia Jorge. E eu o admirava mais ainda por ele ser um OTUN OBA AROLU do Ilê Axé Opô Afonjá.

A nossa aproximação à obra “Jorgeamadiana” deu-se através do fato inusitado do desejo do meu “compadre”, Djalma capoteiro, em vender-me uma coleção do festejado autor, após a leitura, e eu, sem relutâncias, a comprei. Era uma coleção em capa dura, na tonalidade de um rosa esmaecido, com uma ilustração de casario de Salvador, numa arquitetura barroca em dourado, contendo, lógico, as obras do escritor famoso que eu recebia na certeza de estar diante de um verdadeiro e belo tesouro, e assim o preservei.

*Jaime Sodré – Professor universitário, mestre em Teoria e História da Arte, doutorando em História Social.

Desta coleção extraí para leitura imediata o romance A TENDA DOS MILAGRES, por sua relação íntima com o Candomblé, terreno do domínio, admiração e conhecimento de Jorge, ambiente onde ele amava e era amado.

O contato com a TENDA suscitava diversas interpretações, ou seja, várias leituras, mas o que me interessava era o empenho de Jorge através do seu magno texto, no embate entre a cultura popular, da sua ampla convivência, e o discurso científico da época eivado de preconceito, quem sabe sobrevivente? Pensava. O autor, vestindo-se de Pedro Archanjo, personagem principal, combate a hipocrisia dos burgueses desejosos de brancura.

Archanjo é fascinante nos seus amores, audácias e enfrentamentos; mestiço, que eu atualizo “negro” por minha conta, para estreitar ainda mais o meu orgulho. Archanjo era um pobre bedel da Faculdade de Medicina, gerador de conhecimentos em suas reflexões pessoais sobre a mulatice em seus livros sobre mistura genética e a cultura popular do povo baiano. Lembrava-me Manuel Querino.

A sua produção literária, fruto de esforços para a publicação, era dedicada ao combate ao racismo e a repressão à cultura afro-baiana, em especial, a aversão elitista e o massacre ao Candomblé ou ao Afoxé. No seu romance, Jorge Amado revela as perseguições a Pedro Archanjo, que em função da intolerância dos chamados acadêmicos chega a perder o seu emprego, jogado no ostracismo, e ridicularizada as suas ideias consideradas inoportunas.

Apesar da indisposição local, a obra de Pedro ganha o reconhecimento de um cientista americano, defensor dos seus méritos. Como informação importante para aqueles que se interessam pelas questões raciais, o romance situa-se no final do século XIX e início do século XX, período em que se discutia a modernização do país através das teorias higienistas, projeto nacional que pretendia a eliminação da herança africana, do samba, da capoeira e do Candomblé. Teorias que envolviam opiniões, por vezes divergentes, de intelectuais como Silvio Romero, Oliveira Viana, Manoel Querino, Artur Ramos, Conde Gobineau e Nina Rodrigues.

O campo da militância de Archanjo era a luta travada entre a cultura popular e a ciência, postura representada no campo pragmático com a perseguição violenta promovida pelo Delegado Pedro Gordilho, o Pedrito, ao Candomblé e por Nilo Argolo, através de um pseudo suporte científico. O aparelho estatal através da polícia, os jornais e a elite científica, exerciam todo o seu empenho para minimizar as práticas culturais de base africana, consideradas atraso.

Penetrando no romance, vibro na minha leitura com as ações de Pedro Archanjo que, se ele não fosse Jorge, seria eu, mera juvenil pretensão. Archanjo, corajoso, revelava os traços africanos ocultos nas epidermes das elites desejosas de brancuras. Explorando esta contradição, Pedro Archanjo idealiza o tipo brasileiro na condição de mestiço, como solução, seria a aliança com as ideias de Gilberto Freire, hoje sob combate.

Convém uma abordagem seletiva, segundo o meu ponto de vista, dos principais temas que eu extraí do seu texto, do que consideramos aspectos a destacar nesse romance.

As palavras iniciais de Jorge, em nível de dedicatória, trazem a sua primeira alusão “Para Zélia”, a sua mulher, encimando a lista de referências, acrescido de “a rosa e a bruxaria”, este último termo numa clara alusão aos aspectos místicos do Candomblé, tema da sua fascinação e vivência.

Referências extensivas ao falecido professor Martiniano Eliseu do Bonfim, com a “adjina” de “AJIMUDA”, “um sábio babalaô”, seu amigo dileto e, por certo, confidente nas coisas da religião afro, onde Jorge faz questão de anunciar que “quero aqui deixar a memória e seu nome”, ao lado de outros homenageados, a exemplo de Dulce e Miécio Tati, Nair e Genaro de Carvalho, Waldeloir Rego e Emanuel Araujo, oferecendo um “Axé” final complementando o texto, saudação típica usada pelo povo-de-santo.

Como sempre acontecia nas obras de Jorge, passando a ser uma marca associada ao seu texto, caberia ali uma ilustração de um artista baiano do seu convívio, com a temática das “coisas da Bahia”. Na página subsequente, encimando o seu nome, mais uma vinculação do ilustre autor ao mundo afro religioso, uma bela gravura de Yemanjá, que acredito ser da autoria de Carybé, seu mais dileto amigo, seguiu-se o nome da obra “TENDA DOS MILAGRES”, a qualificação de “romance” e o nome da editora Record.

Recorto o romance por tema, começo pela ousadia corajosa do episódio do AFOXÉ, em suma emblemático. Capítulo “onde se conta de entrudos, brigas de rua e outras mági-cas, com mulatas, negras e sueca (que em verdade era finlandesa)”. O povo aparece nesta cena “correndo para ver e batia palmas... em louco entusiasmo”, nesta euforia Jorge descreve os elementos deste carnaval resgatando a nossa memória, veio o entrudo com máscaras, mandus, zabumbas, blocos e cordões, cabeçorras e caretas, aí estava a “fauna e a flora” do carnaval de outrora. Em meio a este cenário surge o AFOXÉ, misto de resistência cultural das tradições africanas, ousadia e rebeldia, naquele contexto repressor: “Quando o afoxé despontou no Politeama, ouviu-se um grito uníssono de saudação, um clamor de aplauso: viva, viva, vivoô!”.

A surpresa e ousadia fizeram o delírio do doutor Francisco Antonio de Castro Loureiro, diretor interino da Secretaria de Polícia, este repressor proibira “por motivos étnicos e sociais, em defesa das famílias, dos costumes, da moral e do bem-estar público, no combate ao crime, ao deboche e à desordem”. Era a lei. Jorge registra o fato histórico informando que a saída e o desfile dos afoxés, a partir de 1904, eram terminantemente proibidos onde fosse na cidade. Quem ousara, quem se atreveria então? Sabemos os afoxés como extensão do Candomblé, conhecido como “Candomblé de Rua”. Ousara o AFOXÉ DOS FILHOS DA BAHIA, este nunca saíra antes e jamais se concedera tal atrevimento.

Tão grande e belo o Afoxé viria grandioso em batuque, maravilha em cores, tendo ZUMBI em sua grandiosidade e ousadia. Pedro Archanjo e seus aliados “duplamente ousaram”, trouxeram às ruas a República dos Palmares “armada em guerra, os heróis combatentes e Zumbi”. Jorge torna-se poético e escreve: “Lá estava Zumbi de pé sobre a montanha, a lança em punho, o torso nu, uma pele de onça tapando-lhe as vergonhas”.

Detalha Jorge: numa ala os guerreiros todos seminus, os negros, na outra os mercenários de Domingos Jorge Velho, enfatiza Jorge: “o escravocrata, cabo-de-guerra sem dó nem piedade, sem lei e sem tratado [...], chapéu de bandeirante e na mão o chicote de três pontas”.

A esta ousadia o povo em vibração aplaudia o insubmisso. Amado radicaliza: “onde já se viu, senhor doutor Francisco Antonio de Castro Loureiro, interino da polícia de cu preto, onde já se viu carnaval sem afoxé, brinquedo do povo pobre, seu teatro, seu balé, sua representação?”.

Jorge toma partido afirmando que “veio o povo inteiro saudar o Afoxé Filhos da Bahia, aplaudir a República libertária dos Palmares”. Parcial, mais uma vez ele recorre à história de forma comparativa: “Tanto sucesso assim não obtive sequer o Afoxé da Embaixada Africana, quando em 1895, pela primeira vez se apresentou, mostrando a corte mirífica de Oxalá [...] Nem os Pândegos da África, com o soba Lobossi e seu ritual angola. Nem os Filhos da Aldeia, em 1898, afoxé de caboclo [...] Nenhum capaz de comparar-se aos Filhos da Bahia, no ano da proibição”.

A repressão veio violenta e com ela a cavalaria e a polícia. Poderia interromper este relato aqui e agora, conclamando a você, eventual leitor destas linhas, a buscar o epílogo desta “história amadiana” em sua própria obra. Mas com minha generosidade e no afã de revelar a opressão e o despotismo, sigo. Jorge destaca a participação popular afirmando que “o povo reagiu na defesa do afoxé, morra Chico Cagão, morra a intolerância”. A batalha fora sangrenta, com cavalos e espadas e o povo do afoxé pisoteado por cavalos, e o afoxé, em fuga, dissolveu-se na multidão.

Gente machucada, correrias, quedas. Guerreiros presos. Lamentoso, Jorge revela: “Foi assim a primeira e última apresentação, o desfile único do AFOXÉ FILHOS DA BAHIA, escrevo em maiúsculas em reverência, pois o afoxé trazia Zumbi dos Palmares e seus combatentes, para mim e Jorge “invencíveis”.

Em meio ao tumulto alguém ditava ordem: “Prendam aquele pardo, ele é o cabeça de tudo”. Mas o pardo, cabeça de tudo, era o nosso herói Pedro Archanjo, que sumira como mágica no beco. Finaliza Jorge Amado, enfático: “abaixo o despotismo, viva o povo, límpido e infinito riso de alegria, fit-ó-fó, fit-ó-cu, viva e viva, vivoô”. O tema central da Tenda dos Milagres é a questão racial, oportuna para entender a nossa sociedade pretérita e atual, assim é que nesta seletiva das temáticas contidas no livro, destaco a página 128, que intitulei de APARTHEID. Esta questão era um tema importante que dividia opiniões abordadas no livro, estavam eles nos preparativos do centenário de Pedro Archanjo, uma prova de reconhecimento do seu trabalho, que encontrava opositores, mas era farto em questões.

O professor Azevedo e seus colegas da Universidade não desfrutavam de tempos confortáveis, e em um momento da escolha da temática do seminário exigia cautela quando o assunto era a questão racial, tema que poderia representar um perigo explosivo. Eis um diálogo esclarecedor das tensões vividas à época:

“- O momento, ao contrário, doutor Pinho, é o mais indicado: quando as lutas raciais atingem quase a condição de guerra civil nos Estados Unidos, quando os novos países da África começam a desempenhar importante papel na política mundial, quando...

- Exatamente, meu caro professor e amigo; exatamente esses argumentos que para o senhor indicam a oportunidade do seminário, são os mesmos que, a meu ver, o transformam num perigo, num sério perigo”.

O assunto racial era um perigo explosivo. “- Perigo? - interpunha-se agora Calazans. - Não vejo onde”, minimizava. “-Perigo e grande. Esse seminário, com uma temática explosiva - mestiçagem e apartheid - é perigosíssimo foco de agitação, dele pode nascer um incêndio de proporções imprevisíveis, meus caros”. O tema era caracterizado por Jorge, na voz dos seus personagens, como algo perigoso e provocador. Lembra um deles: “Pensem nos rapazes da Universidade, nos meninos dos ginásios”. Era uma juventude caracterizada como atuante, que para um dos interlocutores o mais conveniente seria evitar tal abordagem, pois consistia em um bom pretexto para agitadores que se infiltrariam no meio dos estudantes, pretexto “para os profissionais da desordem e da baderna” atuarem.

Mas o professor interlocutor assinala que “a ideia de Ramos merecia um derradeiro esforço”, e acrescenta: “Pelo amor de Deus, doutor Pinto: os estudantes, inclusive os de

esquerda, vão apoiar em massa o simpósio, vão lhe dar cobertura total, eu próprio já conversei com vários deles e todos mostram-se favoráveis e interessados. Trata-se de uma assembleia puramente científica”. Jorge nos faz refletir sobre a participação estudantil nas questões políticas da época, nomeando-os em facções “de direita e esquerda”, o que nos trás a uma reflexão sobre a participação política dos estudantes atuais. Os estudantes em Jorge eram atores não só do conhecimento, mas, sobretudo, políticos.

Para um dos personagens de Jorge Amado neste episódio o perigo iminente e incendiário estava no fato de envolver estudantes na condição, inclusive, de apoiadores, e dizia: “O assunto é pura dinamite, uma bomba. Nada mais fácil do que transformar esse seminário de caráter científico em passeata, manifestação de rua, de apoio aos negros norte-americanos e contra os Estados Unidos; se realizássemos, poderia terminar com o incêndio do Consulado Americano”. Os argumentos eram trágicos, “o senhor mesmo disse, professor, que se trata de um simpósio de esquerda”. Não há como negar a simpatia de Jorge pela “esquerda”, campo no qual construiu a sua militância política, como se sabe ele fora eleito Deputado Federal pelo extinto Partido Comunista.

Prossegue o autor, na voz de um dos seus personagens a respeito do seminário: “Não disse isso. A ciência não é de esquerda ou de direita, é ciência. Disse que os estudantes...

- É a mesma coisa: o senhor disse que os estudantes de esquerda, a massa estudantil apóia a idéia. Aí reside o perigo, professor”.

Visivelmente contrafeito, o doutor Zezinho resolveu liquidar o assunto: “Ponto final”. Na verdade Jorge Amado nos traz um tema que nas instâncias brasileiras, quer popular ou erudita, a “Questão Racial” é um assunto até hoje cercado de sutilezas, impedimentos e controvérsias. Jorge foi enfático e esta é a sua mais importante contribuição neste livro, a necessidade de resolvermos os nossos mitos históricos, encarando, sem medos, o assunto no campo ético em busca de quem efetivamente somos.

Os argumentos são preciosos, para entendermos os interesses da elite, muito aquém das pretensões de um determinado seguimento do pensamento e militância antiapartheid brasileiro. Assim relata Jorge por um dos seus personagens: “Vou lhe revelar algo muito confidencial: a diplomacia brasileira neste preciso instante está trabalhando um acordo de grandes proporções com a África do Sul. Temos o maior interesse em ampliar nossas relações com esse poderoso país, de extraordinário índice de crescimento. Mesmo uma aliança contra o comunismo não está fora de cogitações, afinal na ONU já somos aliados, defendemos os mesmos ponto de vistas. Uma linha aérea, direta, ligando o Rio a Johannesburgo, vai ser estabelecida nos próximos dias”.

Esses interesses, que não levava em conta a questão racial da África do Sul, era algo primordial, portanto: “Como então reunir nesta hora os sábios para que eles baixem o pau no apartheid, ou seja, na República da África do Sul? Não vou sequer me referir aos Estados Unidos, aos nossos compromissos com a grande nação americana. Exatamente quando aumentam suas dificuldades com os negros, também nós vamos mandar-lhe lenha? Do racismo ao Vietnam é um passo. Um passinho de nada...”

Jorge nos traz o pensamento ficcional em seu romance, mas com uma certa dose de verossimilhança, para aqueles leitores que conhecem bem a realidade e os interesses da elite brasileira, por vezes em dissonância com determinados setores, inclusive internacional.

Xangô

Archanjo/Jorge e as coisas do Candomblé merecem destaques neste texto, por nosso interesse no tema como também pela vinculação de Amado às “coisas dos orixás”. Archanjo, Exu, Xangô e Jorge são “farinha do mesmo saco”, ou seja, cartas do mesmo naipe.

Para aqueles que não têm o domínio das coisas de orixás, é necessário um breve relato sobre a mitologia religiosa africana, com certeza do domínio de Jorge Amado. Jorge se aproxima com Exu nos seus aspectos brincalhão, provocador e “asiwaju” (aquele que abre caminhos), transferindo estes atributos a Archanjo.

De Xangô, Jorge assemelha-se pela sede de justiça, que o transfere a Pedro Archanjo na condição de OJUOBÁ (os olhos de Xangô), investigador do passado e do presente dos homens.

Recorremos a Verger. Na opinião de Pierre Verger, Exu na África “é um orixá ou um eborá, de múltiplos e contraditórios aspectos, o que, segundo este pesquisador, fica quase impossível defini-lo. Mas destaca que ele gosta de promover “dissensões”, neste caso entendemos Exu numa outra versão, na sua forma brincalhona, ou seja, lúdica, característica de Jorge nas suas infinitas brincadeiras com Carybé. Peço espaço para contar uma: Jorge colocou um anúncio no jornal dizendo que uma pessoa estaria comprando gatos, esta pessoa era Caribe, dando-lhe endereço deste. Foi observar com o seu filho o sucesso da empreitada, Caribe sabia que era coisa de Jorge, recebeu os gatos colocou-os em uma caixa e mandou entregar na casa de Jorge, os dois riram muito. Como Exu, Jorge tinha os seu lado bom e prestativo. Exu revela o lado mais humano das pessoas, que não são completamente maus ou bons. Esta dicotomia Jorge traz aos seus personagens, humanizando-os.

Jorge era Oba de Xangô, mas filho de Oxossi, Xangô como todos os “imole”, segundo Verger poderia ser abordado sobre aspectos histórico e divino. Historicamente Xangô seria o terceiro ALÁÀFÌN ÒYÓ, ou seja, o Rei de Oyó. Xangô crescera na cidade de sua mãe, mais tarde fora para Kòso (Kossô), em seu aspecto divino, era filho de Oranian, tendo Yamase como mãe e três divindades como esposa: Oiá, Oxum e Obá. Essa “poligamia sacra” por certo do conhecimento de Jorge, aparece com frequência em seus personagens. É evidente a elegância e o garbo típico de Xangô e as suas artimanhas de galanteador, que com este atributo seduzira Oiá-lansã, a mulher de Ogum, como nos conta Ifá. Incorporado por Jorge/Archanjo, esta qualidade: galanteador e mulherengo, estes atributos sobressaem também em alguns dos seus personagens.

Na página que agora leio, Pedro Archanjo era “filho predileto de EXU, senhor dos caminhos e das encruzilhadas”. Jorge sabe perfeitamente o que significa isso, pois afinal “Jorge é de dentro”, um conhecedor, um entendido na matéria e traz este arquétipo para Archanjo.

Na página que ainda leio, Jorge revela a qualidade suprema de Pedro Archanjo, “era também os olhos de Xangô”, este atributo sacro, caráter impregnado em Pedro por Jorge, significa que a “sua vista alcança longe e vê por dentro”.

No espaço gráfico que se segue, Jorge demonstra os seus conhecimentos “nas fórmulas mágicas” que o popular chama de “fechar o corpo”. Trata-se do episódio do enfrentamento de Archanjo frente à “iaba” (uma diaba).

Vale a pena, a transcrição:

“Foi Exu quem lhe avisou da prepotência e dos péssimos desígnios da perversa filha do Cão, de peito oco. Lhe avisou e lhe disse o que fazer: ‘tome primeiro um banho de folhas, mas não de uma qualquer; vá a Ossain e lhe pergunte quais, só ele penetra no âmago das plantas. Depois prepare água-de-cheiro de pitanga, misture com sal, mel e pimenta e nela banhe o pai-do-mundo [o pênis], juntamente com os quimbas, os dois mabaços, os dois mabaças - vai doer bastante, não se importe, seja homem, agüente; verá breve os resultados; será o estrovenga [pênis] principal do mundo pelo volume, em inchaço e longitude, pelo deleite, pela formosura e pela arretação. Não haverá quirica de mulher ou de iaba capaz de abalar sua estrutura, quando deixá-la vacilante e frouxa”.

Jorge, demonstrando conhecer “muito do riscado”, ou seja, era detentor de conhecimentos esotéricos, utilizando a expressão “kelê”, típica do Candomblé, colar de sujeição para pescoço, e um xaôro para sujeitar o tornozelo. E acrescenta: “Quando ela dormir ponha-lhe o kelê e o xaôro e estará presa pela cabeça e pelos pés, cativa para sempre”.

A contenda entre Archanjo e a “iaba” ganhara o auxílio de Xangô, e Jorge expõe mais uma vez o seu conhecimento do culto afro: “Xangô ordenou-lhe um ebó com doze

galos brancos e doze galos pretos, com doze conquéns pintadas e uma pomba branca de imaculada alvura, de tímido peito e mavioso arrulho. Ao final do ebó, um sortilégio de mandinga, do coração da pomba em sangue e amor. Xangô faz uma conta que era branca e era vermelha e entregou a Archanjo, dizendo com a sua voz de raio e de trovão: ‘Ojuobá [os olhos de Xangô], escute e apreenda este despacho: quando a iaba já estiver sujeita pela cabeça e pelos pés, dormida e entregue, enfie essa conta em seu subilatório [expressão criada por Jorge para o ânus] e aguarde sem medo o resultado [...], não fuja [...]’. Archanjo tocou a terra com a testa e disse: axé”.

Para completar a “mandinga” Jorge orienta Archanjo: “depois foi tomar banho de folhas, escolhidas uma a uma por Ossain. No mel e na água de pitanga, no sal e na pimenta malagueta preparou a arma e a viu crescer, descomunal bordão de caminhante. No bolso escondeu o kelê, o xaôrô e o coração da pomba, a conta vermelha e branca de Xangô. Na porta da Tenda, ele a esperou chegar”.

Toda esta argumentação mística profetizada por Jorge era para potencializar Archanjo numa atividade sexual desafiadora. O autor se esmera para “contar essa batalha, essa guerra das duas competências, o assalto da égua e do cavalo [...]”.

O campo da sexualidade é “a praia de Jorge”, vibrante escreve: “Rolaram pela ladeira, penetrados, foram parar no areal do porto e atravessaram a noite [...] prosseguiram em louca cavalgada, na metida insana. A iaba com tal resistência não contara, cada desmaio de Archanjo, a excomungada pensava com esperança e raiva: ‘agora o possante vai pururucar, esmolambado!’ Muito ao contrário, em vez de fenecer, crescia o ferro em brasa e em carícia.

Tão pouco imaginara gostosura assim, “chibata de mel, pimenta e sal, delícias das delícias [...]. Aí, gemeu a iaba em desespero [...]”.

Como conclusão da contenda, vencida a iaba, Jorge informa: “adormeceu então a fêmea [...] no quarto de Archanjo, de sombras e odores misturados dormia de bruços a iaba”. Mais um detalhe esclarece, do ponto de vista étnico a fêmea. Diz Jorge extasiado sobre a iaba: “um desatino, um despropósito de negra [...]”.

A contenda no campo da tipificação ideal do brasileiro fervia nas ideias do professor Nilo Argolo, doutor Fontes e outros, a mestiçagem era a temática, e dizia Archanjo: “É mestiça a face do povo brasileiro e é mestiça a sua cultura [...]. São mestiças a nossa face e a vossa face: é mestiça a nossa cultura, mas a vossa é importada, é merda em pó”.

O professor Argolo era radical, avesso a risos, e em debate na zombaria afirmara: “-Asnice, O que significam os fatos, de que valem, se não os examinarmos a luz da filosofia, a luz da ciência?[...]. Recomendo-lhe Gobineau. Um diplomata e sábio Francês [...],

é uma autoridade definitiva sobre problema das raças. Seus trabalhos estão na Biblioteca da Escola [...]”, disse a Archanjo.

Jorge nos presenteia com o debate entre Archanjo e Argolo que nos traz as ideias da época, tendo como base o confronto de opiniões entre um bedel e o professor, argumenta este: “Você [Archanjo] confunde batuque e samba, hórridos sons, com música; abomináveis calungas, esculpidos sem o menor respeito às leis da estética, são apontados como exemplos de arte, ritos e cafres tem, a seu ver, categoria cultural. Desgraçado deste país se assimilarmos semelhantes barbarismos, se não reagirmos contra esses horrores. Ouça, isso tudo, toda essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varreremos da vida e da cultura da Pátria, nem que para isso seja necessário empregar a violência”, a discussão apaixonante beirava a um exercício de guerra e Jorge nos traz esta tensão.

Diz Archanjo: “Quem sabe matando-nos todos... um a um, senhor professor”.

Retruca Argolo: “Não creio necessário chegar a tanto” e Amado, habilidosamente, traz à boca de Argolo uma estarrecedora afirmação, que consegue a irritação do leitor, o que prova a sua capacidade de articulações argumentativas, torcendo em favor de Pedro.

Diz Argolo: “Basta que se promulguem leis proibindo a miscigenação, regulando os casamentos: branco com branca, negro com negra e com mulata, e cadeia para quem não cumprir a lei [...], pasmem”.

Diz Archanjo: “Difícil será separar e classificar, senhor professor”.

Simultaneamente com o debate sobre miscigenação, aprecia-se no texto a luta de Archanjo com o delegado Pedrito Gordo e a perseguição aos Candomblés, que aqui se transforma em exame final. O que se narra é o encontro entre Pedrito e Archanjo quando a atrabiliária autoridade invadiu o Terreiro de Procópio.

A respeito da guerra santa de Pedrito e Procópio, pela riqueza de detalhes e ações fantásticas de Zé de Ogum e Pedro Archanjo, melhor seria recorrer ao livro de Jorge, a sua TENDA DOS MILAGRES, e deliciem-se.

Em seu terceiro livro, Pedro Archanjo dedica-se às fontes da mestiçagem, comprovando a sua extensão, maior do que ele imaginara. Conclui que “não havia família sem mistura de sangue – apenas uns gringos recém-chegados e esses não contavam”. Bomboxê Obitikô, era a evidência de que o sangue deste ancestral corria nas veias do professor e nas do bedel.

Jorge sempre revelou sua preferência pelo seu romance TENDA DOS MILAGRES e

PEDRO ARCHANJO, os livros de Archanjo nos traz a memória de Manuel Querino, em especial, quanto à culinária afro-baiana. Miguel Santana e Eliseu Martiniano do Bonfim, ligados ao culto dos orixás, compõem a figura de Pedro.

Como elemento de destaque, convém observarmos Jorge/Archanjo demolindo as teorias racistas da época, representadas pelos professores da Faculdade de Medicina. O professor Nilo Argolo, à luz de Nina Rodrigues, destaca-se por propor o isolamento do que ele chama de “raça inferior”, ou seja, os negros, no afã de evitar a mistura. Jorge atribui a estes acadêmicos a prática de uma “pseudociência”.

A vitória do Povo Negro se manifesta com o centenário de Archanjo, mesmo morto tem o seu nome eternizado e a sua produção científica reconhecida. Jorge, para alguns um escritor menor, ao que parece imita na contemporaneidade Archanjo, sendo reconhecida sua importante produção literária, nestes CEM ANOS DE JORGE AMADO.

Reconhecendo a competência, neste clima de homenagem, louvo o nosso colega professor maior Gildeci de Oliveira Leite, da UNEB, este sim, dedicado de há muito à obra de Jorge, com uma citação deste ilustre pesquisador: “A eternização de Archanjo é também a vitória do povo negro através de Amado e principalmente uma proposta de mestiçagem diferente daquela sonhada pelo governo brasileiro em determinado período da nossa história. Enquanto a antiga tese oficial era que mestiçagem apagaria o negro, Jorge Amado diz-nos que a mistura geraria um povo negro-mestiço, tendo em vista a preponderância da cultura negra. Tudo isso é escrito sem abrir mão da alegria”. SALVE JORGE AMADO.

Mas em síntese, assim falou Jorge, pela voz de Pedro: “[...] tudo já terá se misturado por completo e o que hoje é mistério e luta de gente pobre, roda de negros e mestiços, música proibida, dança ilegal, Candomblé, samba, capoeira, tudo isso será festa do povo brasileiro, música, balé, cor, nosso riso [...]”.

Salve Jorge, que nos faz pensar e refletir sobre nós. Eterno, mais 100, como os raios de Xangô, Otun Obá Arolu do Ilê Axé Opô Afonjá.

Motumbá, Saminarrô, Mokuiu e Colofé. Um Axé e benção a MÃE MAJÉ BASSÃ.